



As Principais Correntes Geográficas e suas Contribuições para a Geografia

The Main Geographic Schools of Thought and Their Contributions to Geography

Selvino Fachini

Gabryella Ferraz Fachini

Resumo: O trabalho tem como objetivo abordar as principais linhas de pensamento que consolidaram a Geografia como ciência. No decorrer do trabalho procurarei identificar as principais ideias das Escolas Geográficas e suas concepções em relação ao pensamento Geográfico. O presente estudo tem como base uma revisão bibliográfica com análise de artigos científicos e livros que abordam de forma sistemática o tema abordado. Analisar a evolução do pensamento geográfico no decorrer da História é de fundamental importância para a compreensão da sociedade e dos processos de transformação em relação à natureza e além de compreender as ações antrópicas que têm causado impactos significativos ao meio ambiente. Cada escola geográfica forneceu para as ciências geográficas estruturas importantes na compreensão e análise do espaço geográfico, influenciando nas formas de analisar a sociedade em relação ao espaço e como o ser humano interage com ele.

Palavras-chave: geografia; determinismo; possibilismo; percepção; quantitativo.

Abstract: This work aims to address the main lines of thought that consolidated Geography as a science. Throughout this work, I will seek to identify the main ideas of the Geographical Schools and their conceptions in relation to Geographical thought. This study is based on a bibliographic review with analysis of scientific articles and books that systematically address the topic. Analyzing the evolution of geographical thought throughout history is of fundamental importance for understanding society and the processes of transformation in relation to nature, as well as understanding the anthropic actions that have caused significant impacts on the environment. Each geographical school provided the geographical sciences with important structures for understanding and analyzing geographic space, influencing the ways of analyzing society in relation to space and how human beings interact with it.

Keywords: geography; determinism; possibilism; perception; quantitative.

INTRODUÇÃO

Geografia é uma palavra de origem grega “geografia”, “geo”=terra e “grafia” escrita. Portanto, geografia significa descrição da terra ou do nosso planeta. A geografia não se restringe ao estudo somente das paisagens naturais, seus estudos permitem estabelecer uma rede de relações entre natureza, sociedade e meio ambiente.

De maneira geral é uma ciência que descreve tudo o que existe na superfície terrestre, estabelecendo uma reciprocidade entre natureza e homem. Todas as ações do ser humano na natureza se caracterizam pelas transformações do espaço geográfico. Estas ações criam e recriam o ambiente em que o homem está inserido.

A geografia está presente no dia a dia. Quando utilizamos os termos: clima, tempo, espaço, localização, viagens, ações antrópicas, paisagem natural e artificial, são algumas palavras que revelamos a importância desta ciência para a sociedade. Porém, desde os primórdios, a Geografia esteve presente na vida humana, quando esses humanos procuravam compreender a localização onde viviam e quais regiões eram propícias à caça, pesca e coleta de alimentos.

A Geografia como ciência começa a se desenvolver nas civilizações ocidentais, na região que hoje compreende a Alemanha. Um dos principais geógrafos deste período foi Alexander von Humboldt. Humboldt foi filósofo e naturalista. Como naturalista estudava as paisagens naturais e utilizou os conhecimentos filosóficos para relacionar estas paisagens com as relações humanas. Seus estudos lançaram uma corrente de pensamentos geográfico que possibilitaram o desenvolvimento da geografia moderna.

O objetivo deste trabalho é apresentar a importância das escolas geográficas na consolidação da geografia como ciência e como elas contribuíram na compreensão das dinâmicas territoriais e nas formas de interpretar e agir no mundo de modo sustentável e responsável.

A relevância deste trabalho é abordar como o pensamento geográfico foi se inovando na maneira de interpretar a relação entre homem e natureza. Isto é fundamental para compreender os fundamentos da geografia na atualidade.

A metodologia utilizada no desenvolvimento do trabalho são estudos de revisão bibliográficas atualizadas e confiáveis que abordam o tema com informações contextualizadas.

NASCIMENTO DA GEOGRAFIA COMO CIÊNCIA

O ser humano com base na lógica e na razão, utiliza-se da linguagem para estabelecer uma teia de relações que permitem a organização do espaço de convivência. Muitos são os espaços já delimitados pelo ser humano. Um exemplo clássico é o espaço rural e o espaço urbano, sendo cada um delimitado com suas peculiaridades em relação a atividade econômica e a densidade populacional. Neste sentido, a geografia tem uma linguagem que vai auxiliar o ser humano a compreender os diferentes espaços envolvendo conhecimentos técnicos, políticos e socioeconômicos, tanto em um contexto envolvendo uma macrorregião ou microrregião.

Todo ser humano constrói conhecimento sobre o território, mesmo não compreendendo de geografia. Este conhecimento é construído pela experiência e pela imaginação no sentido de compreender os fenômenos presentes na natureza para planejar situações de defesa e de controle do território.

Existem dois conceitos distintos em relação a geografia. O primeiro se refere ao conhecimento geográfico e o segundo é a geografia como ciência. O conhecimento geográfico é fruto da capacidade da observação e da experiência. Este conhecimento começou nas comunidades primitivas, posteriormente no

período clássico. Um dos expoentes no desenvolvimento do conhecimento geográfico foi o filósofo grego Heródoto (484 – 425 a.C.). Heródoto viajou pelas ilhas do mar Egeu, Egito, Babilônia e Fenícia. Nestas viagens, Heródoto escreveu vários acontecimentos presenciados durante suas viagens. Ele é considerado o primeiro historiador e “geógrafo” da humanidade (Gomperz, 2020).

Posteriormente, Eratóstenes (276 – 194 a.C.), desenvolveu estudos sobre conhecimentos geográficos com o objetivo de calcular a circunferência da terra. Eratóstenes foi o primeiro a medir o raio da Terra com grande precisão utilizando apenas conhecimentos de astronomia e geometria. Além disto, fez vários estudos nas áreas de geografia, geometria, matemática e catalogou 675 estrelas. De acordo com muitos historiadores, foi o primeiro a utilizar a palavra geografia (Vasconcelos, 2017).

No período medieval, o conhecimento de geografia não teve avanço devido a ascensão do pensamento religioso e também em função do sistema feudal, uma vez que as relações humanas eram restritas aos feudos. O conceito de universo ou mundo estava resumido nas relações no contexto de um feudo.

Com o fim do feudalismo e a ascensão das grandes navegações no século XV, o conhecimento geográfico ganha importância para a sociedade. As grandes navegações proporcionaram um avanço significativo no pensamento geográfico. O domínio da cartografia era fundamental para a exploração de novas rotas de navegação e o conhecimento de áreas geográficas além dos seus territórios.

A geografia como ciência, surge no século XIX, na Alemanha, graças ao filósofo e naturalista Alexandre Von Humboldt (1769 – 1859). Humboldt é considerado o pai da geografia física. Neste mesmo período, Karl Ritter (1779 – 1859), desenvolveu estudos sobre a relação entre natureza e os seres humanos. Foi neste contexto que surgiu a primeira escola geográfica.

A partir deste momento vamos desenvolver uma breve reflexão sobre a construção das ciências geográficas, as principais escolas e suas contribuições para a sistematização desta nova ciência.

ESCOLA DETERMINISTA GEOGRÁFICA

Sabemos que o conhecimento científico é fruto de um método próprio, sistematizado, com um objeto de estudo definido, que envolve investigação, observação e interpretação dos dados. A escola determinista foi a primeira escola geográfica que adotou um caráter científico nos estudos geográficos. Ela surgiu na Alemanha, com a finalidade de institucionalizar o conhecimento para legitimar a dominação sobre outros territórios. Neste contexto, Friedrich Ratzel (n.d.) funda a escola determinista geográfica, afirmando que a natureza determina as ações do homem no espaço. Uma das maiores contribuições de Ratzel (n.d.) em relação ao conceito de geografia foi: “o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade” (Moraes, 2007, p. 55).

Friedrich Ratzel (n.d.) utiliza as ideias evolucionistas de Darwin, afirmando que a sociedade da Alemanha seria uma sociedade mais evoluída em relação as outras sociedades. Neste sentido, Ratzel (n.d.) vai estabelecer o princípio da extensão, afirmado que o espaço geográfico deve ser delimitado por meio da cartografia e cria a ideia de espaço vital.

O espaço vital de acordo com Ratzel (n.d.) seria a necessidade da presença de um Estado constituído por um povo que deve ser determinado por um espaço geográfico para o seu desenvolvimento e sobrevivência. O Estado é uma entidade essencial para o fortalecimento de uma sociedade. Às sociedades constituídas por uma instância de poder representada pelo Estado estariam mais aptas para o desenvolvimento e inovação e a conquistar outros territórios. Moraes (2007, p. 31) afirma que: “A Geografia de Ratzel foi um instrumento poderoso de legitimação dos desígnios expansionistas do Estado alemão recém-constituído.”

O objetivo da escola geográfica determinista era legitimar a dominação da europeia sobre a Ásia, África e América. Afirmavam que os povos nativos eram mais atrasados devido a função das condições climática ou ambientais. Atribuía-se o desenvolvimento humano, sua capacidade de conhecimento em relação às condições naturais. Era uma forma de legitimar todos os processos de dominação por parte dos europeus. Utilizavam-se do conhecimento geográfico para legitimar as práticas de expansão e dominação de novos territórios. Neste sentido, Kreuzer (2017, p. 15) assevera:

Como ciência, a geografia surgiu somente no século XIX, em decorrência dos esforços de dois naturalistas alemães, Alexander Von Humboldt (pai da geografia física) e Carl Ritter (pai de geografia humana), que criaram um método de análise conhecido como determinismo geográfico. Segundo este pensamento, o caráter e a idolo dos povos seriam determinados pelas características físicas do território que habitavam.

A base desta escola era o método determinista. Acreditavam que o meio natural é que determinava a História do ser humano. O homem não era transformador do meio, mas o meio natural que transformava o homem.

ESCOLA POSSIBILISTA GEOGRÁFICA

Esta escola foi criada por Paul Vidal de La Blache no final do século XIX e início do XX. É uma escola francesa, na época os franceses eram inimigos da Alemanha, criticaram as ideias da escola determinista. Esta escola vai criar uma nova forma de desenvolver o conhecimento geográfico, a partir da concepção do possibilismo geográfico.

O possibilismo geográfico defende uma relação recíproca entre o homem e a natureza. Homem e natureza podem transformar o espaço. As ações humanas fazem parte das transformações geográficas. Em relação a esta escola Moraes (2007, p. 42) descreve:

Vidal de La Blache definiu o objeto da Geografia como a relação homem-natureza, na perspectiva de paisagem. Colocou o homem como um ser ativo, que sofre a influência do meio, porém que atua sobre este, transformando-o. Observou que as necessidades humanas são condicionadas pela natureza, e que o homem busca as soluções para satisfazê-las nos materiais e nas condições oferecidos pelo meio. Neste processo, de trocas mútuas com a natureza, o homem transforma a matéria natural, cria formas sobre a superfície terrestre.

Possibilismo são as capacidades do ser humano em observar a natureza que o cerca para promover o seu desenvolvimento e bem-estar. O homem tem capacidade de reagir em relação ao meio em que está inserido, modificá-lo e adequá-lo às suas necessidades. É uma escola que foca nos estudos de espaços geográficas fragmentados, afirmavam que era impossível construir um conhecimento geográfica holístico ou global.

Blache argumentava que a geografia deve contemplar a importância do tempo e da história na construção de seus estudos. Neste sentido, foi considerado um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento da geografia humana, apesar de ter afirmado que a geografia deveria que estudar o meio em que o homem vive e não os conceitos que envolvem o próprio homem (Moraes, 2007).

Além disto, esta escola defendia a ideia que o homem como ser racional consegue tomar decisões que atende a suas necessidades enfrentado as dificuldades que o meio físico impõe. O ser humano consegue se adaptar ao meio e encontrar alternativas de sobrevivência e progresso. Foi uma base para encontrar uma justificativa para o domínio e expansão francesa ao longo do século XIX e que vai gerar o conflito da primeira guerra mundial.

ESCOLA GEOGRÁFICA PRAGMÁTICA OU QUANTITATIVA OU NOVA GEOGRAFIA

A escola geográfica pragmática faz uma crítica a geografia tradicional porque estava muito ligada às ideias empirista e as tradições em detrimento do presente e do futuro. Esta escola presa por uma abordagem mais voltada ao presente e na projeção do futuro com a aplicação de novas técnicas e novas formas de pensar as ciências geográficas. Neste contexto Moraes (2007, p. 63) afirma:

A Geografia Pragmática efetua uma crítica apenas à insuficiência da análise tradicional. Não vai aos seus fundamentos e à sua base social. Ataca, principalmente, o caráter não-prático da Geografia Tradicional. Argumentam seus seguidores que esta disciplina teve sempre uma ótica retrospectiva, isto é, falava do passado, era um conhecimento de situações já superadas.

As principais ideias defendidas por esta escola, de modo geral são: o conhecimento deve ser evidenciado por meio das experiências; todas as ciências

de compartilhar de uma linguagem em comum; a aplicação de métodos científicos com metodologia sistematizadas e rigorosas; uso da matemática e da estatística na compreensão dos fenômenos geográficos.

É preciso compreender que esta escola tem suas raízes americanas a partir dos anos de 1950. Deram importância a matemática e a estatística para explicar o desenvolvimento da economia americana, seus modos de produção. O desenvolvimento econômico é fundamental para o desenvolvimento social. Prioriza-se a aceleração da industrialização para gerar o crescimento econômico. A metodologia é apresentar a realidade por meio de números, dados estatísticos, gráficos, tabelas de acordo com modelos matemáticos. Kreuzer (2017, p. 16) na sua obra afirma: “[...]a corrente teórica-quantitativa, liderada pelo americano Walter Christaller, que aproxima a geografia da estatística e da matemática embasando suas análises em gráficos e tabelas.”

Esta ideia foi muito copiada nos países subdesenvolvidos. Por exemplo no governo Juscelino Kubitschek se promoveu uma série de políticas públicas para fomentar o desenvolvimento industrial e econômico no Brasil.

A proposta é mostrar a importância do modelo capitalista e a sua necessidade de expansão. São trabalhados os conceitos de subdesenvolvimento e desenvolvimento tendo como referência os países desenvolvidos em relação aos subdesenvolvidos.

As bases das explicações geográficas são estudos quantitativos por meios de estatísticas, deixando em segundo plano a análise das realidades sociais.

ESCOLA GEOGRÁFICA CRÍTICA OU RADICAL

As ideias defendidas por esta escola são de fácil aceitação no ensino da geografia atual. Nesta teoria aplica-se o método materialismo Histórico e Dialético de Karl Marx. Ela tem suas origens na década de 1970, com o geógrafo francês Yves Lacoste. Em relação a esta linha de pensamento Moraes (2007, p. 73) afirma:

Assim, argumenta Lacoste, é necessário construir uma visão integrada do espaço, numa perspectiva popular, e socializar este saber, pois ele possui fundamental valor estratégico nos embates políticos. Diz explicitamente: é necessário saber pensar o espaço, para saber nele se organizar, para saber nele combater.

Esta escola começa a pensar na multiplicidade de vozes presentes na sociedade. Ela abre espaço para discutir temas que eram deixados de lado, como o subdesenvolvimento, o colonialismo, as relações de produção, a relações de trabalho, a estratificação social e as formas de dominação e exploração humana.

Os estudos da geografia começam a incorporar os temas das desigualdades sociais. Ela rompe com o modo de pensar da geografia clássica (regionalista) ou da teoria quantitativa ou pragmática.

Após a segunda guerra, há um fluxo de migração em muitos países e surge uma aversão aos imigrantes estrangeiros (xenofobia). A geografia crítica começa a analisar estas contradições, conflitos presentes na sociedade. Analisa-se as lutas de classes, presente nas teorias marxistas. É compreender a realidade a partir das contradições existentes na sociedade. O objetivo é evidenciar as desigualdades no âmbito local, estadual, nacional e internacional. Estas desigualdades são consequências das ações humanas, por meio das estruturais econômicos e políticos pautadas no capitalismo. Neste sentido, Moraes (2007, p. 73) assevera: “Vê-se que a renovação geográfica passa a ser pensada, em termos de teoria e prática, como uma práxis revolucionária, naquele sentido de que não basta explicar o mundo, pois cumpre transformá-lo.”

A proposta é utilizar o conhecimento da geografia para compreender e denunciar as desigualdades sociais e as práticas de exploração (a mais-valia). Começam a discutir temas como: pobreza, desigualdades, injustiças sociais, exploração irracional dos recursos naturais, desigualdades no contexto urbano e rural e conflitos agrários.

O geógrafo brasileiro Santos (2007, 35) é um dos representantes desta corrente geográfica no qual afirma: “o espaço é a morada do homem, mas pode ser também sua prisão”.

ESCOLA GEOGRÁFICA DO COMPORTAMENTO E DA PERCEPÇÃO

Esta escola surgiu nos anos 1970 e também é muito aceita no ensino da geografia da atualidade. Ela privilegia o espaço das vivências, repleta de sentidos como objeto de estudo, utiliza a expressão: “espaço vivido”.

É um estudo mais complexo porque envolver muitas variáveis e a subjetividade de cada indivíduo em relação a interpretação da realidade envolvendo cultura, valores, religiosidade, crenças, laços afetivos e familiares.

A interpretação das atividades culturais são fundamentais para compreender o contexto espacial. Neste sentido, o geógrafo deve utilizar a hermenêutica para interpretar o contexto vivido porque envolve uma realidade um tanto complexa para ser compreendida e interpretada.

A Geografia da percepção procura valorizar a experiência do ser humano ou do grupo, visando a compreensão das pessoas em relação ao ambiente. Neste contexto, lugar deve ser entendido não só como localidade, mas um local de significados para os indivíduos e o grupo. Moraes (2007, p. 66) afirma em relação a esta escola:

Esta buscaria entender como os homens percebem o espaço por eles vivenciado, como se dá sua consciência em relação ao meio que os encerra, como percebem e como reagem frente às condições e aos elementos da natureza ambiente, e como este processo se reflete na ação sobre o espaço.

O geógrafo chinês Yi-Fu Tuan, utilizou o termo Topofilia que significa “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou espaço físico (microespaço)”. Todas as pessoas desenvolvem um sentimento, um laço afetivo em relação ao espaço.

Muitas vezes você migra para uma cidade e às vezes não desenvolve um sentimento afetivo, sempre procurando voltar ao local de origem por conta dos laços afetivos e culturais (familiares). A identidade maior está na sua terra natal por conta desses laços criados com o lugar onde o indivíduo criou uma trajetória afetiva de vida.

Aqui não se detém muito as estatísticas e também não se tem uma grande preocupação em descrever o espaço físico geográfico. A ênfase não é descrever as contradições presente na Geografia Crítica ou Radical. Ela procura compreender a dimensão afetiva entre indivíduo e espaço. A atenção se voltam para os valores e a rede de significados em relação ao ambiente físico. Neste sentido, Moraes (2007, p. 67) afirma:

Os seguidores desta corrente tentam explicar a valorização subjetiva do território, a consciência do espaço vivenciado, o comportamento em relação ao meio. Estes estudos fazem uso do instrumental desenvolvido pela psicologia, em particular as teorias behavioristas.

Geografia da percepção trabalha os temas: Apego; Identidade; Afetividade; Vivência e experiência num determinado espaço geográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as correntes geográficas abordadas são importantes porque direcionam determinadas linhas nos estudos da geografia. Cada uma, tem suas características e são fundamentais porque promovem uma diversidade científica no ensino da geografia ou na construção de novas teorias geográficas.

Sabemos que o pensamento geográfico está em constante processo de inovação, abrangendo novas perspectivas no desenvolvimento desta ciência. É uma ciência que tem como meta compreender a sociedade e sua relação com mundo físico.

O ser humano precisa compreender a importância da geografia porque tem como objeto de estudo o espaço geográfico relacionado de forma direta ou indireta com a sociedade.

Por meio do estudo realizado, percebi que a geografia traz uma série de benefícios em relação a compreensão de mundo e de sociedade, pois ela permite analisar a realidade sob diversas dimensões, permitindo ao ser humano implementar práticas inovadoras de sustentabilidade e de exercício da cidadania.

Temas como paz, justiça social, economia, política, conflitos, entre outros, são temas vitais para o desenvolvimento das ciências geográficas porque promovem justiça social e soluções em nível global e local. Neste aspecto, a geografia é um

conhecimento que está em constante transformações para atender as necessidades da sociedade atual e também é um meio de pensar no futuro da humanidade.

REFERÊNCIAS

- BARROS, J.D.; **História, Espaço Geográfico**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017
- CARLOS, A. F. C.; CRUZ, R. C. A. **A necessidade da Geografia**. São Paulo: Editora Contexto, 2019
- GOMPERZ, T.; **Os pensamentos da Grécia**: história da filosofia antiga. São Paulo: Cone Editora, 2020.
- LOBLER, C. A.; SIMÕES, M. A. **Metodologia do ensino de geografia**. Porto Alegre: Sagah, 2016.
- KREUZER, M. R. **Geografia**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017.
- MORAES, A. C. R. **Geografia**: pequena história crítica. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- PEREIRA, R. S.; **Geografia**: contribuições para o ensino e para a aprendizagem da Geografia escolar. São Paulo: Editora Blucher, 2018.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 2007.
- VASCONCELOS, P. A. **A Geografia Histórica no Contexto da História do Pensamento Geográfico e suas relações com as Ciências Humanas**. Bahia, Open Editora, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/geografares/8591>. Acessado: 07/07/2025.